

Protagonismo estudantil no Texto Livre: a modalização dos sujeitos

Daniervelin Renata Marques Pereira

UFMG

Índice

1. Texto Livre?	1
2. Protagonista e sujeito	2
3. “Uma democracia que realmente funciona”- o texto	3
4. O protagonismo – nível discursivo	5
5. Considerações finais	6
6. Referências	6

Resumo

Com base na avaliação final de alguns alunos ao término de uma disciplina *on-line*, fizemos uma análise do seu discurso investigando a variação de sua projeção enquanto sujeito e protagonista no projeto Texto Livre. Do nível fundamental ao discursivo da teoria semiótica francesa, pudemos perceber, pelas marcas deixadas pelos enunciadores em seu discurso, os sentidos obtidos por meio da metodologia de análise do texto, considerado como um todo de sentido. Um enfoque foi dado para a modalização dos sujeitos no gradiente entre os pólos passividade e atividade em relação ao contato que tiveram com o projeto durante a disciplina e expresso no

texto que denominaram “Uma democracia que realmente funciona”.

Palavras-chave: semiótica, discurso, sujeito.

1. Texto Livre?

Com o fim inicial de atender alunos de Oficinas de texto da graduação em suas produções textuais acadêmicas e para auxiliar as comunidades virtuais de Software Livre¹ em suas dificuldades na adequação de seus textos à modalidade escrita, o projeto Texto Livre² foi idealizado para ser colaborativo na integração desses dois objetivos.

O diferencial do projeto está na liberdade dos alunos em assumir atividades da área de Letras, aplicando os conhecimen-

¹ Software Livre é uma expressão que designa várias comunidades que se dedicam à construção de sistemas operacionais de código aberto, ou seja, ao contrário dos softwares proprietários como o Windows, é possível, no SL, adaptar o sistema às diversas necessidades do usuário, além da liberdade na distribuição do produto.

² O Texto Livre é um projeto coordenado pela professora Ana Cristina Fricke Matte na Faculdade de Letras da UFMG desde 2006.

tos quase sempre só abordados teoricamente nesse curso. Trata-se de atividades de revisão, tradução, produção de tutorial e avaliação de sites no quesito usabilidade³. São elas tarefas que exigem do aluno seus conhecimentos gramaticais e de composição textual em sua variedade de tipos e gêneros sem esquecer do contexto real de produção em que acontecem.

O procedimento padrão engloba o envio de textos diversos para tradução e revisão ou com demandas em construção de tutoriais ou avaliação de sites pelas comunidades de Software Livre. Em seguida, as tarefas são expostas pela coordenadora em um sistema de tickets, local onde cada um dos quatro grupos pode atuar na resolução da atividade de sua responsabilidade. Após o fechamento dos tickets pelos alunos, o texto é devolvido ao autor e publicado em sites parceiros do Texto Livre.

Percebemos, então, que o projeto vai além das atividades tradicionais de sala de aula e colocam os alunos em contato direto com situações reais de comunicação em que suas ações não recebem só uma nota, mas ganham valor na medida em que colaboram na troca de informações. Troca essa que prevê ainda o conhecimento dos alunos de um mundo, muitas vezes novo, que é o da informática e seus benefícios para a sociedade. O SL pode muito ajudar na construção de progra-

³ Usabilidade é um termo da Informática para designar a avaliação de um conjunto de elementos de software como o emprego de imagens, janelas, ícones, botões, o uso de cores, a distribuição dos elementos na página, a facilidade de uso das ferramentas do site, a informatividade, entre outros destinados com a finalidade de possibilitar uma melhor interação com o usuário. Este termo está intimamente ligado à Interface gráfica.

mas úteis e adaptados aos interesses da educação em seu processo. Além disso, o mercado tem excluído professores que não dominam informações de informática, cada vez mais necessárias na atualidade; daí a utilidade dessas informações na formação dos alunos.

2. Protagonista e sujeito

O protagonista para a semiótica francesa é “um ator do nível discursivo e corresponde a uma configuração temático-figurativa com uma dinâmica determinada e que centraliza as relações com outros personagens” (MATTE, 2004: 14). Já o sujeito é um papel actancial do nível narrativo que ocupa uma posição no texto, mantendo relação com outros sujeitos ou com objetos. O protagonista nem sempre é sujeito, segundo a teoria que fundamenta este estudo.

Segundo Matte (2004), o sujeito será crescentemente capacitado pelas modalidades:

1. potenciais: as crenças, caracterizadas num movimento interno - /assumir/ - ou externo - /aderir/ - e definindo o sujeito potencial;
2. virtuais: as motivações, sendo o /querer/ individual e o /dever/ social;
3. atuais: as aptidões do /saber/, endógeno, e do /poder/, exógeno;
4. reais: as efetuações do ser e do fazer.

O sujeito potencializado /não quer/, /não deve/, /não pode/ e /não sabe/, mas /crê/ querer e dever fazer, percebendo como iminente sua disjunção com o objeto. O sujeito virtualizado /quer/ ou /deve/ fazer, mas

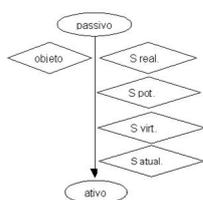


Figura 1: Esquema da existência do sujeito. (MATTE, 2004: 17)

não /sabe/ nem /pode/ fazer, estando em disjunção com o objeto. O sujeito atualizado /quer/ ou /deve/, /sabe/ e /pode/ fazer, sendo um sujeito na iminência da conjunção com o objeto. E, por fim, o sujeito realizado já está em conjunção com o objeto.

Dessa forma, podemos organizar a configuração dos actantes numa variação entre os pólos passividade e atividade (figura 1).

Fig. 1 Esquema da existência do sujeito. (MATTE, 2004: 17)

O percurso do sujeito, então, é constituído pelo encadeamento lógico do programa da competência, pressuposto, e do programa da performance, pressuposto, ou seja, o sujeito adquire competência modal e semântica, torna-se sujeito competente para um dado fazer ou performance e executa-o, passando a sujeito realizador (BARROS, 2002).

Com base nesse esquema e na modalização dos sujeitos em um texto produzido por alunos participantes do projeto Texto Livre no segundo semestre de 2006, tentaremos mostrar as posições desses sujeitos diante de seu curso, Letras, e das atividades desenvolvidas nele, bem como as transformações ocorridas com esses sujeitos em contato com a tecnologia.

3. “Uma democracia que realmente funciona”- o texto

No segundo semestre de 2006, os alunos inscritos na disciplina “Escrita Acadêmica” oferecida pela Faculdade de Letras/UFMG participaram do projeto Texto Livre, coordenado pela professora Ana Cristina Fricke Matte. A idéia era possibilitar aos alunos uma prática de produção textual que fosse válida a eles na aquisição das habilidades necessárias para um bom uso da língua portuguesa.

Em geral, essa disciplina prevê uma ementa que aborde os projetos já encaminhados pelos alunos de graduação, no entanto, por ser uma disciplina, geralmente cursada no início do curso, torna-se inviável tal proposta, uma vez que a maioria dos alunos ainda não tem projetos encaminhados.

Neste contexto, a professora citada desenvolveu o projeto Texto Livre de forma a ser um projeto cooperativo e colaborativo entre os alunos e comunidades de Software Livre. Chamamos de cooperativa uma relação entre sujeitos heterogêneos em relação às habilidades para executar uma tarefa e de colaborativa uma relação de igualdade de objetivos, em que os sujeitos estão cognitivamente próximos. (LEAL, 2007). Neste caso, estabeleceu-se um contato entre esses dois lados que se cooperavam trocando conhecimentos: de um lado, os alunos adequavam os textos técnicos para sua divulgação; de outro, as comunidades permitiam um aprendizado real aos alunos, além de proporcionarem uma oportunidade para os alunos em termos de utilidade do software livre para suas pesquisas.

Ao término da disciplina, um texto foi produzido pela equipe de revisão com o objetivo

de avaliar a disciplina, sendo uma iniciativa dos próprios alunos que, muitas vezes, só conheciam o outro virtualmente, pois a disciplina era *on-line*. Esse texto está exposto abaixo na versão em que foi publicado em um site de divulgação: www.semiofon.org.

Buscaremos analisá-lo, em seguida, para apreensão dos sentidos permitidos pela caracterização dos sujeitos pela metodologia da teoria semiótica em seu nível narrativo de análise.

“UMA DEMOCRACIA QUE REALMENTE FUNCIONA

Desde o início do semestre, fomos apresentados ao projeto [http://www.semiofon.org/modules/sections/index.php?](http://www.semiofon.org/modules/sections/index.php?op=viewarticle&artid=6)

[op=viewarticle&artid=6](http://www.semiofon.org/modules/sections/index.php?op=viewarticle&artid=6) Texto Livre junto à disciplina Escrita Acadêmica. Confessamos que a informática foi uma surpresa muito grande nas nossas atividades rotineiras. Dessa forma, podia-se ouvir crítica, elogio e comentário por toda parte entre nós alunos.

Após a primeira divisão organizacional de grupos, REVISÃO, TUTORIAL, USABILIDADE e TRADUÇÃO, pudemos perceber a enorme conexão entre a nossa disciplina e a proposta do Software Livre / Texto Livre.

Desde então, notamos que a inserção nesse projeto significaria muito mais que um INTERCÂMBIO de DISCIPLINAS. Significaria, também, um INTERCÂMBIO de APRENDIZAGEM, de INFORMAÇÕES, de UTILIDADE, e, sobretudo, de EXPERIÊNCIA, já que através do projeto Texto Livre, tivemos a oportunidade de exercitar o que outrora aprendemos em sala de aula e, mais que isso, fomos reconhecidos pelo nosso trabalho.

Assim, nos unimos na equipe de revisão, objetivando exercitar as regras gramaticais

no contexto mais amplo, atual, moderno, globalizado que é o domínio virtual, da internet.

Discutimos, opinamos, debatemos, “brigamos” pelo desafio de revisar os textos, torná-los acessíveis a todos e adequá-los à sua contextualização. Como resultado de várias sextas-feiras árduas no webchat (#revisão) ou através de mensagens particulares no site da oficina, nascia o texto revisado, que era fiel ao piloto feito pelo autor, porém mais adequado à veiculação propagandística, de massa.

Nossa equipe está muito agradecida pelo projeto e saúda a toda comunidade Texto Livre / Software Livre, um espaço democrático que realmente funciona, onde todos podemos contribuir, participar e nos divertir igualmente.

Nossos Sinceros Agradecimentos !!!

Em especial à Acris que incentivou e batalhou pela implantação do projeto Texto Livre Br + Software Livre + Faculdade de Letras/UFMG”

Fonte: www.semiofon.org/modules/smartsection/item.php?itemid=68

Consideraremos como sujeito (actante do nível narrativo) os alunos da equipe de revisão. Sendo assim, podemos dizer que esse sujeito era modalizado pelo /dever/ participar do projeto a que eram expostos, o que o torna um sujeito virtual, ou seja, um sujeito que precisa realizar uma mudança, mas ainda não é capaz de realizá-la.

Quando o sujeito entende a proposta e percebe a “enorme conexão” entre a disciplina e o projeto, eles são modalizados também pelo /querer/ e são dotados de competência tanto por essa disciplina como por outras que têm no curso, relativa às habilidades gramaticais e textuais.

Aos poucos esse sujeito é manipulado a um fazer interpretativo imposto pelo destinador-manipulador, o professor que quer como objeto cognitivo o conhecimento e prática dos alunos.

Os verbos “discutimos”, “opinamos”, “debateamos” e “brigamos” mostram que o sujeito já é modalizado pelo /saber/ e /poder/ realizar pragmaticamente a performance de sua incumbência: a revisão do texto, levando em consideração seu contexto e estilo do autor. Agora, ele é um sujeito atualizado que está na iminência da conjunção com o objeto. Esse objeto - o texto revisado - é alcançado após “várias sextas-feiras árduas” de reunião. “Nascia o texto revisado” mostra que o sujeito realiza a performance esperada e se torna sujeito realizado ao obter o fazer esperado.

Percebemos, pois, que os sujeitos se movem de uma posição passiva, enquanto sujeitos potenciais, que apenas acreditam poder fazer, para sujeitos ativos que recebem uma sanção positiva ao contribuir e aprender com o projeto. Dessa forma, o sujeito é ao mesmo tempo sincrético ao protagonista que centraliza as relações no discurso.

É importante ressaltar que um dos maiores parceiros do projeto Texto Livre, o site Under-linux, foi o responsável pela “concretização” dos objetivos do projeto, uma vez que foi nele publicada a maioria dos textos revisados e traduzidos pelos alunos. A “assinatura” do Texto Livre e a indicação do nome dos responsáveis pelo texto publicado são como uma recompensa pelo trabalho e ajudam a ver a atividade como “real”.



Figura 2: Fig. 2: texto traduzido e publicado com o nome do projeto e autores (alunos)

4. O protagonismo – nível discursivo

Ancorando-nos no discurso dos alunos, o aprendizado não veio facilmente, mas após um processo árduo de eliminar dificuldades como a “informática” e o “desafio” das atividades. A novidade da proposta para alunos acostumados a “atividades rotineiras”, que têm que opinar, debater, brigar através de “webchat” e “mensagens particulares” para fornecer um texto “mais adequado”, serve de argumento para o discurso positivo desses sujeitos. Expressões como “desde o início”, “após a primeira divisão” e “desde então” mostram o aspecto de contínuo e progressivo do discurso ao representar o *processo* da disciplina. Essa aspectualização do discurso pelo tempo comprova o fazer cognitivo e pragmático dos destinatários que respondem ao fazer persuasivo do destinador-professor. Neste contexto, é possível avaliar o discurso como valorativo da experiência que traz a possibilidade de “exercitar” a teoria apreendida nas aulas e comprovar uma “democracia que realmente funciona”.

De mero expectador de aulas teorias e produtos das conhecidas redações “minhas férias”, o aluno se torna protagonista ao ter em mãos textos de situações reais de comunicação e terem seus nomes vinculados ao texto em sua publicação final.



Figura 3: Fig. 3:quadrado semiótico.

No nível fundamental e mais simples de análise do discurso, o texto aqui analisado pode ser descrito como uma oposição entre os termos contrários (dinâmico *vs* estático) e subcontrários (não-estático *vs* não-dinâmico) em categorias abstratas.

Dessa forma, o discurso pode ser considerado eufórico (positivo) no nível mais fundamental de análise do texto. Fica claro, assim, que a disciplina *on-line* foi um desafio para os alunos, porque tiveram que sair de um estado “estático”, ou seja, de aulas rotineiras para um estado “dinâmico” em que aprendizagem foi mais efetiva.

5. Considerações finais

A atuação no Texto Livre foi retratada, com base no discurso dos alunos, como positivo e eficiente. No entanto, não foi nosso objetivo aqui apenas a promoção e divulgação do projeto em si, mas sim de mostrar uma alternativa interessante e válida para abordagem das competências necessárias aos alunos em suas atividades de produção na área de Letras. Além disso, o projeto apresenta uma importante oportunidade de “letramento digital”, ou seja, habilidade no uso da informática, que é cada vez mais cobrada pelo mercado de trabalho.

Já se tornou um mito a inabilidade dos alunos de humanas com o manuseio das ferramentas tecnológicas mais modernas, como

o computador. No entanto, a consciência dos professores e disciplinas, como a apresentada, indicam que esse mito tende a ser desfeito na inclusão digital dos alunos na atualidade.

Por fim, resta lembrar a importância do diálogo estabelecido com as comunidades de software livre e com esse novo mundo da informática para muitos dos alunos, o que foi mostrado no texto escrito pelos alunos. A interdisciplinaridade é mais um ponto positivo na formação desses profissionais que terão de lidar com textos de diversas áreas do conhecimento na aplicação de suas habilidades, sendo um importante aspecto exigido pelas mais novas teorias pedagógicas.

6. Referências

- BARROS, D. L. P. de. (2002). **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. FFLCH/USP: Humanitas.
- LEAL, V. P. L. V. (2007). O chat quando não é chato: o papel da mediação pedagógica em chats educacionais. In: ARAÚJO, Júlio César (org.). **Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MATTE, A. C. F. (2004). Escoliose de Branca de Neve: protagonistas e sujeitos. In: GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Revista do GEL**. V.1, n.1, p.13-34.